

O significado da ideia husserliana de fenomenologia para o pensamento filosófico contemporâneo

Alejandro José Castejón Gonzalez¹

Resumo: A fenomenologia de Edmund Husserl é uma das correntes filosóficas mais fundamentais, importantes e influentes do século XX e aparece como fundamento e ponto de partida nas obras e nos sistemas de grandes filósofos. No entanto, este método tornou-se pouco estudado por diferentes motivos. O presente artigo visa apresentar e analisar os conceitos e as ideias mais fundamentais da fenomenologia husserliana. Como ponto de partida, serão realizadas uma contextualização biográfica e uma periodização da obra do filósofo austríaco; em continuidade, serão analisados os elementos principais da crítica ao psicologismo realizada pelo filósofo, nas suas *Investigações lógicas* e o conceito de intencionalidade; finalmente, será apresentado o conceito de *epoché* ou de redução, como ferramenta fundamental do método fenomenológico.

Palavras-chave: Psicologismo. Fenomenologia. Intencionalidade. Consciência. *Epoché*.

Abstract: Edmund Husserl's phenomenology is one of the most fundamental, important and influential philosophical currents of the 20th century and appears as a foundation and starting point in the works and systems of great philosophers. However, this method has become little studied for various reasons. This article aims to present and analyze the most fundamental concepts and ideas of Husserlian phenomenology. As a starting point, a biographical contextualization and periodization of the Austrian philosopher's work will be carried out; in continuity, the main elements of the philosopher's critique of psychologism in his *Logical Investigations* and the concept of intentionality will be analyzed; finally, the concept of *epoché* or reduction, as a fundamental tool of the phenomenological method, will be presented.

Keywords: Psychologism. Phenomenology. Intentionality. Consciousness. *Epoché*.

INTRODUÇÃO

Grande número de estudiosos concorda sobre a importância da fenomenologia husserliana para o pensamento contemporâneo. Com efeito, aparece como uma das principais correntes de pensamento do século XX. Mark A. Wrathall e Hubert L. Dreyfus consideram a fenomenologia, junto com o existencialismo, os dois movimentos mais influentes do século XX (2012, p.15); Steven Crowell afirma a fenomenologia como a *plataforma para gerações de pesquisadores* que contribuíram para uma grande quantidade de conhecimentos filosóficos e científicos nas suas diversas formas (2012, p.23); o Professor Franklin Leopoldo e Silva afirma, de forma mais radical, que a fenomenologia transpõe os limites da filosofia como

¹ Graduando em Filosofia pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, FAJE, Belo Horizonte - MG. Bolsista de Iniciação Científica do CNPq. Pesquisa inserida no projeto "A transformação hermenêutica da filosofia e as ciências humanas" coordenado pelo professor orientador Carlos Roberto Drawin.

disciplina e ultrapassa a ideia de ser apenas a elaboração de mais uma doutrina, desta forma, a fenomenologia como tendência filosófica, fundaria verdadeiramente a filosofia contemporânea (2017, min 2:10).

Estas afirmações sobre a fenomenologia se sustentam pelos numerosos frutos que este método daria nas gerações posteriores de diversos filósofos. Os primeiros discípulos de Husserl expandiriam sua obra numa variedade de domínios: Max Scheler (1874-1928) no estudo ético, principalmente, das emoções e da intuição; Romam Ingarden (1893-1970) nas suas pesquisas com arte e a estética; Edith Stein (1891-1942) na sua tese da natureza da empatia e com o desenvolvimento de uma metafísica fenomenológica ou de um tomismo fenomenológico; Karl Jasper (1883-1969) no desenvolvimento da psicologia; Martin Heidegger, como um brilhante aluno e, ao mesmo tempo, crítico de Husserl levando a fenomenologia a uma nova direção, mas considerando sua obra fiel ao espírito da fenomenologia; Merleau-Ponty, no estudo das experiências corpóreas e as percepções; Sartre, partilhando o foco existencial mundano de Heidegger e explorando o foco fenomenológico das vivências intencionais da consciência (WRATHALL E DREYFUS, 2012, p.15-16). É preciso, igualmente, mencionar outros filósofos que também utilizariam o projeto husserliano como ponto de partida para seus sistemas, como Alexander Pfänder, Adolf Reinach, Moritz Geiger, Emmanuele Lévinas, Hans-Georg Gadamer, Jacques Derrida (CROWELL, 2012, p.23) e sem contar as diversas disciplinas e ciências que desenvolveram grandes pesquisas com a ajuda da fenomenologia, entre elas se encontram a psicologia e a filosofia da religião.

Embora seja reconhecida, no ambiente acadêmico e filosófico, a importância da fenomenologia para o pensamento contemporâneo, surge, como grande problemática, o fato da fenomenologia ser pouco estudada na sua pureza e na sua origem. Todos os autores anteriormente mencionados são muito estudados e conhecidos. Eles, certamente, oferecem diversas concepções de ser humano, de corporeidade, de mundo, de Deus e de certos fenômenos que atraem a atenção dos estudiosos. A fenomenologia termina, a maioria das vezes, sendo conhecida e estudada pela mediação destes filósofos. Certamente, é difícil encontrar estudos sobre como Husserl pensava o ser humano, a religião, Deus, a política e a ética, mas seu método se encontra presente nos filósofos que, posteriormente desenvolveram estes temas. Este aspecto nos parece, então, muito importante, pois o método fenomenológico se revela como uma oportunidade para que os filósofos desenvolvam e abordem suas próprias problemáticas guiados pelo rigor científico de um grande método, mas, ao mesmo tempo, motivados a ir além da repetição e da simples assimilação de conteúdos filosóficos. Este ponto aparece como um convite a compreender, por exemplo, a distinção heideggeriana entre o que é filosofia e o que é filosofar (HEIDEGGER, 2003, p.5) ou, tal como acontece nos estudos teológicos, com a diferença entre estudar teologia e praticar o fazer teológico. Certamente, hoje há inúmeros problemas filosóficos que merecem ser abordados, com rigor filosófico, mas com a novidade própria do tempo atual. Edith Stein, por exemplo, expressava, na sua autobiografia, sobre as dificuldades de certos discípulos iniciantes para atingir uma autonomia do pensamento na abordagem fenomenológica (2018, p.351). Esta filósofa revela a dificuldade, mas, ao mesmo tempo, o horizonte e a função da fenomenologia de buscar que aquele que adentra possa ter

uma autonomia no pensamento para abordar diversos problemas filosóficos. Com efeito, “Husserl não quis fundar um sistema filosófico, isto é, uma estrutura de pensamento completa que fornecesse resposta para qualquer pergunta filosófica” (STEIN, 2019, p.149).

Apresentado todo este panorama, este artigo visa apresentar algumas das ideias fundamentais da fenomenologia husserliana e fazê-lo da forma mais clara possível. Inicialmente, serão apresentadas uma biografia intelectual e uma periodização da obra de Edmund Husserl, com a finalidade de contextualizar o surgimento e o desenvolvimento da fenomenologia; consecutivamente, serão estudados dois aspectos importantes no nascimento da fenomenologia husserliana, a saber, a crítica ao psicologismo e a descoberta da ideia da intencionalidade da consciência; finalmente, será analisado um dos conceitos e uma *ferramenta* muito importante no método fenomenológico: a *epoché* ou as reduções, para, assim, a partir destes conceitos tirar conclusões sobre o que pode ser entendido como fenomenologia em Edmund Husserl.

1 BIOGRAFIA INTELECTUAL E PERIODIZAÇÃO DA OBRA HUSSERLIANA

Edmund Husserl, nascido em Prosznitz, Morávia, no ano 1859, aparece dentro do grupo dos grandes nomes da filosofia germanófona, que vai desde Kant até Heidegger, esta filosofia sofreria uma mudança decisiva e uma nova orientação a partir da fenomenologia husserliana (GERL-FALKOVITZ, 2019, p.13). Husserl é considerado um dos filósofos mais férteis e, ao mesmo tempo, difíceis do século XX, sua obra é caracterizada por possuir uma metodologia de argumentação extremadamente árida e cheia de incessantes retomadas, revisões e modificações, fato que torna desafiadora a experiência interpretativa de leitores e estudiosos de sua filosofia (BARBOSA, 2014, p.21). Desta forma, ele encarna a sua concepção de filósofo como um *permanente iniciante*; reflexo disto, é a afirmação de Kolakowski, quando diz que “Husserl esteve durante toda sua vida escrevendo o mesmo livro” (BARBOSA, 2014, p.28). Estabelecer uma periodização das obras deste filósofo é o melhor caminho para uma maior compreensão de seu pensamento.

O desenvolvimento do pensamento fenomenológico de Husserl surge, principalmente, durante seu período de docência. As obras mais importantes para a fenomenologia husserliana evidenciam uma evolução progressiva na estruturação do método fenomenológico. No entanto, para compreender melhor seu pensamento, é preciso considerar outros momentos anteriores e posteriores a sua docência.

Edith Stein, uma das principais discípulas de Husserl, afirma que ele iniciaria sua trajetória científica não como um filósofo, mas sim como um matemático (STEIN, 2019, p.149). Husserl estudou matemática na universidade de Leipzig e, posteriormente, em Berlim, onde trabalharia como assistente de Karl Theodor Wilhelm Weierstrass (1815-1891). No ano 1883, com sua tese de cálculo e variações, iniciou sua carreira de professor. Familiarizado com a matemática, considerada por ele como uma das ciências mais rigorosas “teve certo menosprezo pela filosofia, a qual sequer lhe parecia uma ciência” (STEIN, 2019, p. 38). Em 1884,

seria transferido à universidade de Viena, onde assistiria algumas aulas de Franz Brentano (1838-1917), que futuramente seria de grande influência para seu pensamento. Nessas aulas sentiu-se movido a conhecer mais de perto a filosofia, pois percebeu nestas a possibilidade de tratar certas questões filosóficas com um espírito de rigorosidade e cientificidade (STEIN, 2019, p. 38).

A primeira obra de seu itinerário filosófico foi a *Filosofia da Aritmética* (1891), que surge durante seu período de docência em Halle (1887- 1891). Nesta obra, incorporou os resultados de sua tese de habilitação em Halle, onde desenvolveu o conceito fundamental de matemática e de número (BARBOSA, 2014, p.25). Husserl sentiu-se motivado a aprofundar os conceitos fundamentais da ciência que o haviam ocupado até então (STEIN, 2019, p.39). O período de Halle é considerado pré-fenomenológico e, para muitos estudiosos, marcado por uma evidente tendência e proximidade ao psicologismo, pois tentava explicar e fundamentar a matemática e seus principais conceitos a partir de uma psicologia associacionista (BARBOSA, 2014, p.24). Segundo Mario Gonzalez Porta, Husserl, na sua obra *Filosofia da Aritmética*, se move no marco de um programa antiformalista e psicologista; dito de outra forma, o antipsicologismo, não simplesmente não formava parte de suas preocupações, mas é um elemento ausente e, além disso, encontram-se neste trabalho evidentes ‘deslizes psicologistas’ que seriam, segundo Porta, coerentes por ser seu alvo principal uma crítica ao formalismo (PORTA, 2013, p. 15-16). A virada antipsicologista de Husserl, segundo alguns estudiosos, viria pela crítica feita por Gottlob Frege (1848-1925) numa resenha da obra *Filosofia da Aritmética* e pela leitura do filósofo e lógico Bernard Bolzano (1781-1848) (BARBOSA, 2014, p. 25). Uma outra teoria sustenta que esta virada seria independente da crítica de Frege, pois a resenha de Frege apareceu em 1894 e a virada antipsicologista aconteceu em 1891, distinguindo, já neste ano, significado (*Bedeutung*), representação (*Vorstellung*) e objeto (*Gegenstand*), negando assim que significados são representações (PORTA, 2013, p.14).

O itinerário realizado a partir de sua obra *Filosofia da Aritmética* o levou a constatar nexos muito estreitos entre matemática e lógica formal, migrando assim, para o estudo desta última disciplina. Husserl observa que a lógica possuía ainda muitas controvérsias e obscuridades (STEIN, 2019, p.150). Foi então quando desenvolveu uma longa pesquisa que culminaria na publicação de sua primeira grande obra: *Investigações lógicas*, datada entre 1900, no final de seu período em Halle e 1902, no início de sua docência em Göttingen. As *Investigações Lógicas* podem ser divididas em duas partes, uma longa introdução intitulada *Prolegômenos à lógica pura* e o conjunto de seis investigações. Nos *Prolegômenos*, Husserl desenvolve uma teoria da ciência e refuta o ceticismo e o relativismo nas suas diversas formas, principalmente naquela que sustenta que os fundamentos essenciais da lógica residem na psicologia – é isso o psicologismo (HUSSERL, 1929a, p. 67). Na segunda parte, nas seis investigações, desenvolveu uma investigação sobre alguns problemas específicos, como *expressão e significação, unidade ideal de espécie, objetos ideais, objetos independentes e dependentes, vivências intencionais da consciência e esclarecimentos fenomenológicos do conhecimento*. Na inspeção desses problemas, Husserl desenvolveu um método próprio que, posteriormente, seria útil, não só para questões lógicas, mas também para o tratamento de questões filosóficas. No seu

artigo *filosofia como ciência rigorosa* (1911), expressa a convicção de que o método por ele desenvolvido seria o melhor e o único para tratar cientificamente a filosofia (STEIN, 2019, p.150). As *Investigações lógicas* podem ser consideradas o ponto de partida e a primeira expressão da sua fenomenologia. Certamente, Husserl chamou este método, conscientemente, de fenomenológico, mas somente depois o apresentaria de forma sistemática e detalhada nas *Ideias para uma fenomenologia pura e uma filosofia fenomenológica* (1913) (STEIN, 2019, p. 39), obra também conhecida como *Ideias I* ou *Ideem I*.

A obra central de seu período de Göttingem (1901-1916) é *Ideias para uma fenomenologia pura e uma filosofia fenomenológica*. Nesta obra, Husserl introduz o conceito de redução (*epoché*), que apareceria, por primeira vez, nas cinco lições, chamadas *A Ideia da fenomenologia* (1907). A fenomenologia se apresenta como uma ciência das essências e não de fatos. A consciência tem a capacidade de captar, por meio da *intuição* (*Anschauung*), as essências (*Wesen, Eidos*). Husserl chama a esta realidade de intuição de essências (*Wesensschau*). A intuição consiste na “apreensão direta pela simples presença da essência à consciência e um verdadeiro objeto, a essência pura” (BARBOSA, 2014, p.26). Este período, embora seja considerado o período da sistematização da fenomenologia, é também um período onde Husserl sofre uma profunda crise intelectual. O filósofo adota uma orientação idealista que aparece de maneira clara nas *Ideias I*. Esta orientação idealista não foi muito bem-vinda por vários de seus discípulos que, na maioria dos casos, eram caracterizados como “realistas convictos” (STEIN, 2018, p.316). Para alguns de seus seguidores e estudiosos tal orientação seria uma continuidade natural de seu pensamento, para outros, foi uma virada radical e inesperada. O que é certo foi a clara incompreensão de muitos de seus seguidores.

No ano 1916, Husserl se muda a Freiburg, onde permaneceu até 1928, o período de sua aposentadoria. A obra principal do período de Freiburg foi as *Meditações Cartesianas*; esta obra foi publicada em 1931, fruto de duas conferências realizadas pelo filósofo em Paris, no ano 1929. Nesta obra, Husserl expõe, de maneira mais clara e mais elaborada, sua filosofia com orientação idealista. A fenomenologia, por meio do procedimento da redução (*epoché*), evolui para uma perspectiva chamada de idealismo fenomenológico ou fenomenologia transcendental. Aparece o conceito de *ego transcendental* e *consciência pura* como resíduo da *epoché* (BARBOSA, 2014, p. 27).

Um outro momento que deve ser considerado como parte importante de seu percurso intelectual é o período que vai desde sua aposentadoria, no ano 1928, até sua morte, em 1938; esta etapa foi marcada por um grande paradoxo: “nenhum período de sua vida foi tão rico em ideias filosóficas e tão infrutífero no tipo de publicação que teria mostrado toda a abrangência da contribuição da fenomenologia à filosofia” (CROWELL, 2012, p.36). Este período é marcado por uma “mitigação do idealismo” na sua filosofia (BARBOSA, 2014, p.27) e por um movimento da fenomenologia numa direção mais *existencial*, considerando o sujeito transcendental como essencialmente corporificado, social e histórico (CROWELL, 2012, p.36). Husserl assume um novo termo como solo pré-reflexivo da filosofia, *o mundo da vida* (*Lebenswelt*) (BARBOSA, 2012, p.27).

No ano 1933, Husserl foi proibido, pelo regime nazista, de continuar sua atividade didática (REALE, ANTISERI, 2006, p.). Seria, igualmente, proibido de sair de Alemanha. Seus escritos correram grande risco no período do nazismo, seus amigos transferiram vários escritos de sua autoria para Louvain, na Bélgica (CHAUÍ, 2000, p.5) E seriam recebidos e salvos pelo padre belga Hermann van Breda nos conhecidos *Arquivos Husserl* (REALE, ANTISERI, 2006, p.180). Foi uma grande quantidade de escritos inéditos que o filósofo Husserl deixou, cerca de quarenta e cinco mil páginas estenografadas (REALE, ANTISERI, 2006, p.180-181), entre os escritos mais conhecidos pode-se destacar: *A crise das ciências europeias*, *A origem da geometria* e *A fenomenologia transcendental*. Estes últimos escritos foram publicados em 1950. Husserl permaneceu em Freiburg até sua morte, no ano 1938.

2 A CRÍTICA DO PSICOLOGISMO E A DESCOBERTA DA INTENCIONALIDADE NAS INVESTIGAÇÕES LÓGICAS

A fenomenologia husserliana nasce entre dois pontos fundamentais: por uma parte, de uma crítica ao psicologismo e, por outro lado, da descoberta da ideia da intencionalidade da consciência. A crítica ao psicologismo foi desenvolvida por Husserl, a partir das influências do filósofo, matemático e sacerdote católico Bernharm Bolzano (1781-1848), o qual desenvolveria um estudo de lógica pura, onde apresentou a ideia de que a verdade já está dada em proposições válidas, independente de elas serem pensadas ou expressas, utilizando, assim, a expressão de *verdade em si* e de *proposição em si* (REALE; ANTISERI, 2006, p.177-178); por outro lado, a ideia da intencionalidade em Husserl surgiu da influência do filósofo Franz Brentano (1838-1917), que apresenta, na sua obra *A psicologia do ponto de vista empírico*, uma ideia de origem escolástica, afirmando que a consciência possui um caráter intencional (REALE, ANTISERI, 2006, p.178). Neste tópico, será desenvolvida uma análise destes dois pontos fundamentais para a fenomenologia.

2.1 A CRÍTICA AO PSICOLOGISMO E A LÓGICA PURA

A crítica ao psicologismo surge no meio de um contexto de discussões entre filósofos e psicólogos que merece ser destacado. O mesmo Husserl aponta que a postura psicologista da lógica alcança uma preponderância significativa no auge do surgimento dos estudos psicológicos, quando muitos teóricos realizaram numerosas obras e ensaios com o desejo de empurrar a lógica pelo caminho seguro da ciência, tentando estabelecer uma construção sistemática da disciplina e buscando seus princípios válidos e sólidos (HUSSERL, 1929a, p.24). Um artigo intitulado *O Manifesto dos filósofos alemães contra a psicologia experimental*, do professor Saulo Freitas Araujo, aponta para alguns elementos importantes deste contexto de tensão entre as posturas dos filósofos e a dos psicólogos experimentais, que será, finalmente, concretizada num manifesto por parte dos filósofos. O século XX, principalmente na Alemanha, foi testemunha de uma tensa relação de conflito entre a psicologia e a filosofia, pois é neste momento que acontece o surgimento e a consolidação da psicologia como ciência, como disciplina, emancipando-se, assim, da filosofia (ARAUJO, 2013, p.299)

O conflito é de caráter tanto teórico quanto disciplinar, o professor Araujo distingue o contexto deste conflito entre geral e específico; o contexto geral fazendo referência ao conjunto de ideias e de eventos relacionados ao surgimento e à consolidação da psicologia como ciência e como disciplina na tradição alemã, incluindo a introdução da psicologia experimental nas universidades alemãs e o contexto específico se refere ao fato singular que desencadeou uma reação coletiva de alguns filósofos, culminando na publicação de um manifesto (2013, p.299-300). No entanto, é preciso destacar que a origem deste conflito pode ser encontrada séculos atrás, principalmente em relação ao papel da psicologia no conhecimento filosófico.

Wolff, por exemplo, colocava a psicologia empírica na base do seu sistema filosófico. Por outro lado, Kant defendia a independência da filosofia em relação à psicologia, sobretudo no que diz respeito à lógica e à metafísica. Ao longo do século XIX, essa questão reaparece constantemente nos debates, de forma que muitos filósofos vão tentar purificar a filosofia contra a sua “contaminação” com as ciências empíricas, reafirmando a irrelevância da psicologia para o conhecimento filosófico, como, p. ex., os neokantianos, Frege e Husserl. O ponto culminante dessa discussão é a assim chamada “querela do psicologismo” (*Psychologismusstreit*), que se tornou um verdadeiro campo de batalha entre psicólogos e filósofos alemães no final do século XIX e início do século XX, com repercussões até os dias atuais (ARAUJO, 2013, p.300).

Junto às problemáticas de ordem teórica, nas faculdades e ambientes acadêmicos as tensões estavam igualmente presentes. Um dos grandes problemas era que as universidades ainda não desempenhavam um papel fundamental no desenvolvimento desta ciência em surgimento, muitos dos autores envolvidos tanto nas pesquisas da psicologia quanto nas disputas estavam fora das universidades, mas, ao mesmo tempo, a psicologia, pelo impacto produzido na sociedade, passou a ser um conteúdo obrigatoriamente exigido aos professores formados pela Faculdade Filosófica. Isso gerou, por sua vez, a necessidade de se oferecerem aulas de psicologia nas universidades e de contratação de professores para ministrar essas aulas. A grande problemática foi não ter criado cadeiras específicas de psicologia, com seus respectivos detentores, para atender às novas demandas educacionais. Ao contrário, os próprios professores de filosofia tiveram que se encarregar de lecionar e supervisionar os conteúdos da nova disciplina (ARAUJO, 2013, p.301). Alguns desconfortos surgiram, posteriormente, com a institucionalização progressiva da psicologia experimental, pois nem todas as cadeiras de filosofia tinham institutos e laboratórios de psicologia a elas vinculados. Desta forma, os representantes da nova psicologia experimental foram assumindo um lugar privilegiado no ensino, pois eles, certamente, sabiam manipular os instrumentos da pesquisa empírica, enquanto os filósofos ensinavam a psicologia de forma tradicional e teórica; este fato foi gerando uma tensão entre os docentes de filosofia com os de psicologia (ARAUJO, 2013, p.302). Esta tensão chegou a um ponto tal que em 1913 os psicólogos experimentais

já tinham conseguido mais de vinte por cento das cadeiras de filosofia nas universidades alemãs. Este acontecimento geraria uma revolta coletiva por parte dos filósofos, concretizada com inúmeras obras críticas às doutrinas psicologistas, entre as quais se encontra os *Prolegômenos à lógica pura* de Edmund Husserl e, de forma mais clara, com o *Manifesto contra a psicologia experimental* (ARAUJO, 2013, p.302).

Mario Porta oferece uma periodização dos momentos em que Husserl tratou o problema do psicologismo, servindo assim de guia para compreender o desenvolvimento da fenomenologia. Inicialmente, entre os anos 1894 e 1898 aparece o momento em que Husserl tinha posturas claras a favor do programa do psicologismo, presentes na obra *Filosofia da aritmética*; no ano 1900, Husserl assume a postura contundente contra o psicologismo lógico, manifestado nas suas *Investigações lógicas*; posteriormente, entre os anos 1901 e 1902 Husserl realiza uma mudança do interesse do psicologismo lógico para o epistemológico; e nas fases posteriores, a partir do ano 1906, com a descoberta das reduções fenomenológicas, aparece a virada transcendental do filósofo (2012, p.53-54).

A importância da crítica ao psicologismo na construção da fenomenologia fica evidente na obra principal do filósofo austríaco, *Investigações lógicas*. Nesta obra, Husserl dedica duzentas páginas, especificamente nos *Prolegômenos à lógica pura*, a uma crítica ao psicologismo (CROWELL, 2012, p.25). Na introdução destes prolegômenos, Husserl inicia sua crítica apresentando o problema do estado das ciências lógicas no seu tempo, apontando o fato da “grande discrepância de opiniões com respeito à definição da lógica e também sobre a maneira de tratar a mesma ciência” (1929a, p. 23). Diante das diversas opiniões, questões e teorias sobre a lógica que foram surgindo, a discussão assume duas posturas principais: ou a lógica é uma disciplina teórica, independente da psicologia e, ao mesmo tempo, formal e demonstrativa ou a lógica é uma tecnologia que depende da psicologia, ficando, desta forma, excluído o seu caráter formal e demonstrativo (HUSSERL, 1929a, p.27). Husserl afirma que a última postura se apresentava como dominante no momento de compreender a ciência lógica e esta postura pode ser caracterizada como o germe da compreensão psicologista. O psicologismo é, então, definido por Husserl da seguinte forma, lemos:

Há uma direção – justamente a dominante em nosso tempo – que tem pronta a resposta às questões formuladas e diz: os fundamentos teóricos essenciais da lógica residem na psicologia, a cuja esfera pertencem por seu conteúdo teórico as proposições que dão à lógica seu selo característico. A lógica se relacionaria, pois, com a psicologia como uma rama da tecnologia química com a química [...]. Mas ainda, não é raro que se fale como se a psicologia proporcionasse o único e suficiente fundamento teórico da arte lógica. Assim lemos na obra polêmica de Mill contra Hamilton: ‘a lógica não é uma ciência distinta da psicologia [...] a lógica deve seus fundamentos teóricos integralmente à psicologia [...]’. Segundo Lipps parece inclusive que a lógica deveria subordinar-se à psicologia como mera parte in-

tegrante (HUSSERL, 1929a, p.67-68, tradução nossa).

É justamente esta postura que o filósofo Edmund Husserl criticou na sua obra, apontando para certas consequências que o psicologismo conduziria. O psicologismo conduz ao relativismo que, conseqüentemente, levaria a implicações inevitáveis de ceticismo. Husserl mostra, nos seus *Prolegômenos*, que a proposta psicologista conduz a um contrassenso (*Widersinn*), do psicologismo ao relativismo e do relativismo, necessariamente, ao ceticismo (PORTA, 2013, p.56).

O psicologismo produz o relativismo, já que a validade lógica é considerada dependente da constituição psíquica contingente do ser humano, de modo que uma constituição diferente produziria leis diferentes. E ele produz o relativismo porque, ao negar a validade incondicional da lógica, torna indecíveis todas as alegações da verdade (CROWELL, 2012, p.25).

Para o filósofo austríaco, a grande problemática radica na confusão das ciências ideais e as ciências reais ou factuais, sendo as primeiras *a priori*, com leis ideais que fundam a certeza intelectual em conceitos gerais e as últimas empíricas, que formam parte do campo da probabilidade intelectual de leis reais da esfera dos fatos (HUSSERL, 1929a, p.184). Com efeito, o próprio Husserl aponta que se as leis psicológicas carecem de exatidão e se a lógica depende destas leis, esta última ciência estaria destinada à mesma carência de exatidão; no entanto, Husserl refuta esta postura afirmando que não há dúvida da vaguidade empírica existente nos preceitos da psicologia, mas as leis lógicas possuem uma exatidão absoluta (HUSSERL, 1929a, p.77). As leis da lógica não são avaliadas sob a ideia de probabilidade de validez, mas na validez ou verdade mesma (HUSSERL, 1929a, p.78). As leis lógicas, para Husserl, possuem validade ideal, são normativas para o pensamento humano, pois são condições necessárias da verdade enquanto tal, Husserl defendeu e preservou um vínculo entre a lógica e a norma de verdade (CROWELL, 2012, p.26).

Embora a lei da gravitação está recomendada pelas mais amplas induções e verificações, nenhum físico a considera hoje como uma lei absolutamente válida. Experimentam-se em ocasiões novas fórmulas da gravitação; se demonstrou, por exemplo, que a lei fundamental dos fenômenos elétricos, de Weber, poderia funcionar igualmente bem como lei fundamental da gravidade. [...] Esta é a situação nas ciências exatas de fatos. Mas de nenhum modo na lógica. [...] Temos, com efeito, intelecção não da mera probabilidade das leis lógicas, mas sua verdade. Com intelecção plena vemos os princípios da silogística, da indução de Bernoulli, dos raciocínios de probabilidade, da aritmética geral [...] aprendemos neles a verdade mesma. Por conseguinte, as expressões de: esfera de inexatidão, meras aproximações, e outras semelhantes, perdem aqui seu sentido possível (HUSSERL, 1929a, p.78-79, tradução nossa).

A refutação ao psicologismo conduziu Husserl à ideia de lógica pura, apresentada como uma teoria das teorias, com um alcance universal e ideal, com uma lógica da verdade capaz de esclarecer as condições formais da verdade e da evidência (DRAWIN, 2010, p.272). A crítica ao psicologismo aparece como uma defesa da lógica pura, condição de possibilidade da verdade e, futuramente, como fundamento para uma epistemologia. Os princípios da lógica pura aparecem como possibilidade de conhecimento, de afirmar ou negar algo, isto é, como possibilidade da verdade como idealidade pela qual o conhecimento se rege e se orienta. As verdades, especificamente, dos princípios da lógica, não são relativas a nada, nem a um sujeito que as pense ou não, elas são verdades em si; lemos:

O que é verdadeiro é absolutamente verdadeiro, é verdadeiro ‘em si’. A verdade é uma e idêntica, sejam homens ou outros seres não humanos, anjos ou deuses, os que aprendam pelo juízo. Esta verdade, a verdade no sentido de uma unidade ideal frente à multidão real das raças, indivíduos e vivências, é a verdade de que falam as leis lógicas e de que falamos nós, quando não temos sido extraviados pelo relativismo (HUSSLERL, 1929a, p.129, tradução nossa).

Segundo Edith Stein, “Husserl caracterizou a lógica como âmbito de verdades objetivamente subsistentes, espinha dorsal de toda verdade e ciência objetivas” (2019, p.150). Desta forma, pode-se afirmar que Husserl estaria construindo, de forma progressiva, alguns fundamentos essenciais para a formação de uma teoria do conhecimento, pois percebe-se a possibilidade de um método apropriado, não apenas para uma análise lógica, mas para o tratamento de questões filosóficas (STEIN, 2019, p. 150).

Edmund Husserl certamente buscava uma compreensão de filosofia como uma ciência rigorosa, no entanto, não no estilo de ciência positiva ou naturalista, pois tanto nas suas *Investigações lógicas* quanto no seu artigo *Filosofia como ciência de rigor* aparece claramente a intenção de superar a compreensão reducionista e psicologista da filosofia. Com efeito, a fenomenologia de Husserl se propõe como uma ciência com método, ela é “ciência rigorosa justamente porque a filosofia jamais pode ser ‘científica’ ou ‘naturalizada’” (DRAWIN, 2010, p.274). O determinismo e o positivismo caminham numa direção diferente da filosofia husserliana, o rigor científico seria então a fidelidade na vocação de ser uma *philosophia prima* (DRAWIN, 2010, p.274).

2.2 A CONSCIÊNCIA E O CONCEITO DE INTENCIONALIDADE

Apresentado o que é possível chamar do polo objetivo do conhecimento, esse âmbito de verdades ideais, possibilitadas pelas leis da lógica pura, é agora preciso considerar a experiência do sujeito no momento de conhecer. É preciso, então, analisar as vivências ou as experiências da consciência no momento de conhecer. Desta forma, é preciso aprofundar a compreensão da consciência em Edmund Husserl.

As vivências são realidades individuais, temporais, começam a ser e deixam de ser. A verdade, contudo, é ‘eterna’, ou melhor, é uma ideia; e como tal é supratemporal. Não tem sentido assinar-lhe um lugar no tempo, ou uma duração, embora esta se estenda através de todos os tempos. Certo que também se diz da verdade que em determinadas ocasiões ‘entra na nossa consciência’ e é assim ‘apreendida’, ‘vivida’ por nós. Mas estes termos de apreender, viver e entrar na consciência, referidos a esse ser ideal, possuem um sentido muito distinto daquele quando são referidos ao ser empírico ou individual. Não ‘apreendemos’ a verdade como um conteúdo empírico, que emerge na corrente das vivências psíquicas e desaparece de novo; não é um fenómeno entre outros fenómenos, mas uma vivência, no sentido totalmente distinto em que é vivência uma generalidade, uma ideia (HUSSERL, 1929a, p.138-139, tradução nossa).

Steven Crowell aponta para um aparente aspecto paradoxal de Edmund Husserl. Certamente, nas *Investigações lógicas* se encontra o nascimento da fenomenologia e, embora dedique uma grande parte de suas investigações a uma crítica ao psicologismo, ele chama a fenomenologia de psicologia descritiva (2012, p.25). No entanto, é preciso entender que esta psicologia descritiva se apresenta como uma alternativa da psicologia genética e empirista. Enquanto a psicologia genética pretende ser explicativa de leis de ciências naturais e de fatos, a psicologia descritiva pretende descrever e classificar os fenômenos num âmbito essencial (*Eidético*). Desta forma, Husserl desenvolve a sua investigação sobre a consciência.

Husserl coloca sua atenção nas vivências da consciência ou, como ele mesmo chama, nos *atos* da consciência. Husserl utiliza o termo *ato* para rejeitar um possível imanentismo presente no conceito de intencionalidade de Franz Brentano (MOHANTY, 2012, p.76). O conceito de *ato*, entendida como vivência intencional, anuncia uma unidade genérica na esfera das vivências, isto é, como pureza fenomenológica, mas anuncia, ao mesmo tempo, uma clara distinção entre o conteúdo e o caráter de um ato intencional (HUSSERL, 1929b, p.128).

Nesta nova fase da pesquisa, a preocupação husserliana torna-se claramente epistemológica. O novo desafio é agora descrever, de forma adequada, a relação entre sujeito e objeto, entre pensamento e coisa, entre conhecimento e fenômeno. Para entender melhor este aspecto, o Professor Leopoldo apresenta uma contextualização desta problemática. Para o professor, a fenomenologia tem, como ponto de partida, uma questão que pode ser considerada a mais geral de todas na história da filosofia e que é justamente a questão da relação entre sujeito e objeto, dito de outra forma, como se constitui o conhecimento; e Husserl se debruçaria sobre esta questão trazendo uma novidade (LEOPOLDO E SILVA, 2017, min. 5:30).

Existem três vertentes principais na compreensão da descrição desta relação do sujeito com o objeto: a saber, a vertente realista, a vertente idealista e a vertente kantiana. A realista é aquela que sustenta o primado do objeto. As representações que fazemos das coisas estão

subordinadas aos objetos em si mesmos, as coisas são aprendidas pelos sentidos e depois são registradas pelo intelecto, desta forma, o ponto de partida é o objeto; a vertente idealista, por outro lado, é aquela que sustenta a primazia do sujeito, da mente e das ideias; a vertente idealista e a vertente realista se opõem conceitualmente e estiveram em constante embate durante a história da filosofia; a terceira vertente é a filosofia kantiana, que aparece no século XVIII e ainda exerce uma grande influência na atualidade, e que pode ser considerada como um meio termo; ela supera a dificuldade da tensão entre o idealismo e o realismo, distribuindo as funções do conhecimento, fazendo uma síntese, determinando qual é a contribuição do objeto ao sujeito e a do sujeito ao objeto; nesta vertente, o conhecimento é considerado como uma apreensão das coisas, ao mesmo tempo que intelecto formaliza este conhecimento. Esta terceira solução, afirma o professor Leopoldo, é aparentemente de bom senso (LEOPOLDO E SILVA, 2017, min. 8).

No entanto, surge uma consequência, que foi claramente detectada por Husserl: a relatividade do conhecimento. Com efeito, se o sujeito tem formas de apreensão do objeto, esse conhecimento se torna relativo às condições do sujeito, acabando ele por contribuir à constituição do objeto. O fenômeno para Kant é a percepção do objeto condicionada por estruturas do conhecimento que possui o sujeito. Husserl observa isto como um desequilíbrio na relação de sujeito e objeto, entre fenômeno e consciência, pois o objeto acabaria desaparecendo na percepção do sujeito. Sendo assim, o objeto perderia sua realidade no processo de apreensão pelo sujeito. Husserl então estabelece uma proposta que se tornou o lema e o projeto mais famoso da fenomenologia husserliana, que é o *voltar às coisas mesmas* (LEOPOLDO E SILVA, 2017, min. 6-13:14).

Muitos estudiosos afirmam que Husserl percebe uma espécie de contaminação do objeto pelo sujeito, que consiste na ideia de que o objeto é assimilado pelo sujeito e as coisas se adaptam à consciência perdendo o primeiro a sua realidade (LEOPOLDO E SILVA, 2017, min.13:31). O sujeito projeta no objeto tantas coisas, que o objeto acaba como que ficando escondido (estas projeções podem ser de caráter lógico, psicológico, social, cultural, histórico, etc). Husserl tentou instituir um método em que as relações com as coisas sejam mais autênticas e verdadeiras, que seja possível recuperar a realidade do mundo e das coisas. A rearticulação desta relação, isto é, o modo como a consciência se relaciona com os objetos, foi chamada por estudiosos de *purificação da relação entre sujeito e objeto* (LEOPOLDO E SILVA, 2017, min. 15:40). Segundo Leopoldo, Husserl supera o impasse entre o realismo, idealismo e criticismo, isto é, a luta ou a competição entre a consciência e o objeto (LEOPOLDO E SILVA, 2017, min 16:20). Não há mais essa luta para ver quem prevalece na constituição da objetividade, pois isto seria uma forma inadequada e desequilibrada de entender a relação do conhecimento. Esta contribuição de Husserl na epistemologia gerou uma empolgação nos estudantes e discípulos fenomenólogos, como narrado por uma discípula do filósofo:

As investigações lógicas haviam produzido seu impacto, sobretudo porque apareciam como um distanciamento radical do idealismo crítico de inspiração kantiana e neokantiana. Viu-se nelas uma ‘nova

Escolástica, porque a atenção desviava-se do sujeito para concentrar-se nas coisas: o *processo de conhecimento* aparecia de novo como um *ato receptivo* que recebia sua norma das coisas mesmas, e *não* - como o *criticismo* - *uma escolha determinada* que comunicava sua norma às coisas. Todos os jovens fenomenólogos eram realistas convictos (STEIN, 2018, p. 316).

A partir da investigação desta relação aparece a definição de consciência como intencionalidade. Na *Quinta Investigação lógica*, Husserl assume como um propósito fundamental eliminar a ambiguidade da consciência. Isto o leva a distinguir três sentidos ou conceitos da consciência, Charles Siewert os sintetiza da seguinte forma:

- a. É consciente tudo aquilo que faz parte da experiência ocorrente de alguém, aquilo que pertence ao “fluxo da consciência de alguém”.
- b. É consciente tudo aquilo que seja objeto da consciência interna (percepção interna).
- c. É consciente todo ato mental ou experiência intencional (SIEWERT, 2012, p.85).

Husserl, influenciado por Brentano, desenvolve o conceito de intencionalidade:

Na percepção é percebido algo, na representação imaginativa é representado imaginativamente algo; no enunciado é enunciado algo; no amor é amado algo; no ódio é odiado algo; no apetito é apetecido algo. Etc. Brentano tem presente o que cabe aprender de comum nestes exemplos quando afirma: “Todo fenômeno psíquico está caracterizado pelo que os escolásticos da idade Média chamaram a inexistência intencional (ou mental) de um objeto e que nós chamaremos [...] a referência a um conteúdo, a direção para um objeto (pelo qual não deve entender-se aqui uma realidade) ou a objetividade imanente. Todo fenômeno psíquico contém em si como objeto algo, embora não todo, do mesmo modo” (HUSSERL, 1929b, p.149-150, tradução nossa).

Para Husserl é impossível definir consciência sem concebê-la como sempre consciência de alguma coisa. É impossível falar de consciência sem estar direcionada a alguma coisa. Com efeito, “É em geral da essência de todo *cogito* atual, ser consciência de algo” (HUSSERL, 2006, p. 89). A intencionalidade permite entender a consciência, nunca fora dessa relação; a consciência não é nada fora dessa relação, a consciência, para Husserl, não é nada que se oponha a alguma coisa, não é uma realidade substancial, como Descartes entendia. A consciência é um movimento, um visar e nesta concepção não existe o risco de que as coisas sejam engolidas pela consciência, nem que o sujeito desapareça, submergindo-se nas coisas, nesta relação ninguém anula o outro (LEOPOLDO E SILVA, 2017, min. 17-20). Sendo assim,

“Cada ato de consciência, cada experiência que nós temos, é intencional: é essencialmente ‘consciência de’ ou uma ‘experiência de’ algo ou de outrem” (SOKOLOWSKY, 2004, p.17)

O conceito de intencionalidade é fundamental na fenomenologia de Husserl, aparece, inicialmente, nas suas investigações, como aquele que “indica diretamente a essência dos fenômenos psíquicos ou atos” (HUSSERL, 1929a, p.149). Embora existam diferentes modalidades da referência intencional, não há dúvida de que, na análise destas vivências, sempre se chega a vivências intencionais primitivas (HUSSERL, 1929a, p.150-151). Na *Ideia da fenomenologia*, Husserl afirma, igualmente, que na essência das vivências cognitivas, se encontra presente o que ele designa como *intentio*; estas vivências visam (*meinem*), de uma ou outra forma, sempre algo, pertencendo a tais vivências referir-se a uma objetividade, mesmo o objeto não pertencendo a elas (HUSSERL, 2000, p.83). E nas *Ideias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica*, Husserl afirma que a propriedade essencial (*Eidética*) da consciência são as vivências intencionais (ou vividos intencionais) ou atos; elas são consciência de algo e são sempre ditas como intencionalmente referidas a algo (HUSSERL, 2006, p.89).

Diante deste conceito, pode surgir a pergunta pela importância da intencionalidade. Por que a fenomenologia faria tanto ‘rebuliço’ com a intencionalidade? Pois certamente parece óbvia a ideia de que, em qualquer pessoa, a consciência é consciência de algo e a experiência é experiência de algo (SOKOLOWSKY, 2004, p.18). O filósofo Sokolowsky aponta para o fato de que a filosofia, durante muito tempo, percebeu a consciência e a experiência humana de forma muito diferente (2004, p.18). A cultura, grandemente influenciada pelas filosofias cartesiana, lockiana e hoobesiana, introduziu uma ideia da consciência que caminha numa orientação diferente das nossas experiências cotidianas. A consciência e a mente, nessas tradições, são interpretadas como um gabinete fechado ou uma caixa preta (SOKOLOWSKY, 2004, p.18). Para essas concepções filosóficas, o sujeito está principalmente consciente de si mesmo e de suas ideias e somente é possível chegar às coisas de fora por meio de inferências e raciocínios. As impressões e os conceitos ocorrem dentro e a consciência não se encontra direcionada para as coisas. Nesta perspectiva, só é possível, inicialmente, estar realmente certos da existência de nossa própria consciência e dos estados desta. Isto é chamado de *predicamento egocêntrico* e é justamente este um dos pontos que o conceito de intencionalidade pretende superar (SOKOLOWSKY, 2004, p.18-19).

Justificar e argumentar que a mente humana não se encontra presa na subjetividade é realmente um desafio. Com efeito, “não sabemos como mostrar que nosso contato com o mundo real não é uma ilusão, não é uma mera projeção subjetiva” (SOKOLOWSKY, 2004, p.19). A negação da intencionalidade implica a negação da orientação da mente para a verdade, conduzindo novamente ao relativismo, que já seria combatido por Husserl nos *Prolegômenos*. Com efeito, se o ser humano está preso na sua subjetividade, cada indivíduo teria os seus *mundos* subjetivos internos e não seria possível afirmar um mundo em comum (SOKOLOWSKY, 2004, p.19). Robert Sokolowsky afirma que uma das grandes contribuições do conceito da intencionalidade, reintroduzido por Husserl na filosofia contemporânea, foi

ter rompido com o predicamento egocêntrico, superando a doutrina cartesiana. A fenomenologia, por conseguinte, mostra que a mente é uma coisa pública (SOKOLOWSKY, 2004, p.20) e que a mente e o mundo são correlatos entre si.

3 A REDUÇÃO (*EPOCHÉ*)

Husserl descobre e propõe um elemento que será essencial para o método fenomenológico: a *epoché* ou as reduções fenomenológicas. Estas foram introduzidas pelo filósofo aproximadamente no ano 1905, como parte fundamental da sua guinada transcendental ou idealista (FOLLESDAL, 2012, p.107). A primeira ideia explícita da *redução* aparece nas suas lições de *A Ideia da fenomenologia*. A *epoché*, no entanto, seria desenvolvida, de forma mais sistemática, em 1913 na obra *Ideia para uma fenomenologia pura e uma filosofia fenomenológica (Ideias I)*.

A expressão *epoché* (ἐποχή) é um termo que provém da língua grega, aparece fortemente nas filosofias céticas, especificamente, no filósofo Pirro (318-272 a.C). Esta expressão significa suspensão do juízo ou do consentimento e estava relacionada com a atividade de duvidar (REALE; ANTISERI, 2006, p. 183). Husserl assume este termo, entendendo-o como a suspensão do juízo ou como uma atividade de colocar entre parênteses convicções científicas, filosóficas e do senso comum. Estas convicções e crenças são atacadas por dúvidas e questionamentos, com a finalidade de extrair destas um resíduo essencial ou puro, que será importante na descrição fenomenológica. Com efeito, uma ciência que pretende ser rigorosa não pode se fundamentar ou alicerçar em realidades epistemologicamente frágeis (REALE; ANTISERI, 2006, p. 183).

O ponto de partida para a compressão das reduções é uma diferenciação, feita por Husserl, entre duas atitudes fundamentais: a atitude natural e a atitude fenomenológica. A primeira é a postura original, orientada para o mundo e intencionada para as coisas, é a perspectiva padrão, e nesta postura estão as crenças e pressupostos necessários para a vida cotidiana. Por outro lado, a atitude fenomenológica é o foco estabelecido no momento de refletir sobre a atitude natural, na atitude fenomenológica, também chamada como atitude transcendental, é que deve acontecer a análise filosófica (SOKOLOWSKY, 2004, p.51). Steven Crowell afirma que Husserl via o naturalismo como uma atitude ingênua que frustraria o esforço da filosofia de ser uma ciência radicalmente autorresponsável, pois acabaria por incorporar acriticamente verdades emprestadas das outras ciências (2012, p.31). A atitude natural ou a *tese geral da atitude natural* era concebida por Husserl como uma crença inabalável do mundo ou como uma fé animal. A atitude fenomenológica precisaria de uma *epoché* da atitude natural, que se apresentaria como o primeiro passo para a redução fenomenológica (CROWELL, 2012, p.32). Husserl explica as duas atitudes da seguinte forma:

Iniciamos nossas considerações como homens da vida natural, representando, julgando, sentindo, querendo *em orientação natural* [...]. Tenho consciência de um mundo cuja extensão no espaço é in-

finda, e cujo devir no tempo é e foi infindo. Tenho consciência de que ele significa, sobretudo: eu o encontro em intuição imediata, eu o experimento. Pelo ver, tocar, ouvir etc, nos diferentes modos da percepção sensível, as coisas corpóreas se encontram *simplesmente aí para mim*, numa distribuição espacial qualquer, elas estão, no sentido literal ou figurado, *a disposição*, quer eu esteja, quer não, particularmente atento a elas e delas me ocupe, observando, pensando, sentindo, querendo (HUSSERL, 2006, p.73).

E ainda acrescenta:

Nosso propósito, porém, é precisamente a descoberta de um novo domínio científico, e de tal que deve ser alcançado justamente pelo método de parentetização, submetido, contudo, a uma determinada restrição [...]. *Colocamos fora de ação a tese geral inerente à essência da orientação natural*, colocamos entre parênteses tudo o que é por ela abrangido no aspecto ôntico: isto é, todo este mundo natural que está constantemente ‘para nós aí’, ‘a nosso dispor’ e que continuará sempre aí como ‘efetividade’ para a consciência, mesmo quando nos aprouver colocá-la entre parênteses (HUSSERL, 2006, p. 81).

A atitude do *epoché* ou da redução fenomenológica não é uma dúvida ontológica e hiperbólica ao estilo de Descartes. Certamente, é inegável a influência cartesiana na construção do pensamento fenomenológico, mas, ao mesmo tempo, são evidentes os distanciamentos e as críticas que o filósofo austríaco realiza à filosofia cartesiana. O ponto fundamental da *epoché* é **que as** crenças ordinárias permanecem em vigor, **não é uma tentativa de** duvidar delas, como fez Descartes, mas **é, principalmente**, não fazer uso delas (CROWELL, 2012, 32). Esta suspensão é um livre exercício de abster-se de julgar a respeito da existência do mundo (CROWELL, 2012, p.32).

Se assim procedo, como é de minha plena liberdade, então não nego este ‘mundo’, como se eu fosse sofista, *não duvido de sua existência*, como se fosse cético, mas efetuo a *εποχή* ‘fenomenológica’ que me impede totalmente de fazer *qualquer juízo sobre a existência espaço-temporal*. Tiro, pois, *de circuito todas as ciências que se referem a esse mundo natural* [...] por mais que as admire, por mínimas que sejam as objeções que pense-lhes fazer: *eu não faço absolutamente uso algum de suas validades*. Não me aproprio de uma *única proposição sequer delas*, mesmo que de inteira evidência, *nenhuma é aceita por mim, nenhuma me fornece um alicerce* (HUSSERL, 2006, p.81).

A *epoché*, enquanto instrumento metódico de atitude filosófica, difere da dúvida metódica cartesiana em ser um ato da vontade e em evidenciar a própria consciência em seus diversos aspectos (BARBOSA, 2014, p.32). O professor Dagfinn Follesdal, no seu artigo As

reduções de Husserl e o papel que desempenham em sua fenomenologia, apresenta uma divisão dos vários tipos de reduções no projeto fenomenológico de Edmund Husserl, distinguindo-as em eidética, transcendental e fenomenológica (2012, p.107).

Para uma melhor compreensão deste conceito husserliano, é importante esclarecer esta distinção. A redução eidética é aquela que nos leva ao *eidos* ou à essência das coisas, é aquela que conduz da experiência do objeto concreto à experiência do *eidos* (FOLLESDAL, 2012, p.110). Por outro lado, essência em Husserl não significa alguma realidade única em cada objeto, mas é algo que pode ser compartilhado por muitos objetos (FOLLESDAL, 2012, p.108). A redução eidética acontece quando se realiza a passagem do estudo de um objeto concreto para os seus aspectos gerais (FOLLESDAL, 2012, p.108). O conhecimento parte da observação de um sujeito a um objeto que possui diversas características; neste momento o objeto é percebido como um objeto particular concreto, mas nele é possível perceber uma série de aspectos que anunciam um *eidos*. Nesta redução aparece um conceito fundamental, que exerce uma função de restrição na percepção: a intuição eidética (*Wesensschau*). O conhecimento começa pela experiência e capta fatos contingentes, mas quando a consciência recebe tais fatos, ela consegue captar uma essência, dito de outra forma, ela não percebe esta cor ou este som, mas a cor e o som. Diversos instrumentos musicais, certamente, possuem os sons mais diversos, mas é essencial a eles produzirem som (REALE, ANTISERI, 2006, p.181). Husserl possui um ponto de aproximação com o empirismo, pois a evidência é alcançada graças aos sentidos, no entanto, sua maior crítica será a rápida passagem de muitos filósofos do empirismo ao fisicalismo, isto é, restringindo a existência de objetos à realidade física e desconsiderando a direção da consciência aos aspectos essenciais (FOLLESDAL, 2012, p.111).

A redução transcendental é a atitude reflexiva sobre “a atividade estruturadora de nossa consciência e a correspondente estrutura que esperávamos encontrar no mundo que experimentamos” (FOLLESDAL, 2012, p.108). Fundamenta-se na reflexão do próprio ato da consciência, nessa redução são fundamentais os conceitos de *noema*, *noesis* e *hylé*. O *noema* é a estrutura correlatada no ato, são as prefigurações que temos sobre o objeto do ato; a *noesis* é a contraparte experiencial do *noema* e corresponde às experiências extruturadoras e a *hylé* são as experiências supridoras e restritivas (FOLLESDAL, 2012, p.109, p.112). Na redução transcendental se desconsidera o objeto concreto do ato e se estuda sistematicamente os elementos antes mencionados. Realiza-se a suspensão do juízo, sem preocupar-se com o objeto, mas com a estrutura do ato em relação ao objeto experimentado (FOLLESDAL, 2012, p.112). Para Follesdal, esta redução deve ser entendida como uma mudança de foco, da direção ao objeto para um direcionamento ao próprio ato, conduzindo assim aos objetos transcendentais (*noema*, *noesis* e *hylé*) e ao ego transcendental (2012, p.112). O próprio Husserl aponta para não confundir o fenômeno puro com o fenômeno psicológico natural e que “a toda vivência psíquica corresponde, pois, por via da redução fenomenológica, um fenômeno puro que exhibe a sua essência imanente como dado absoluto” (2000, p.70-71).

A redução fenomenológica, finalmente, consiste na combinação da redução eidética com a redução transcendental; é uma passagem da atitude natural para uma atitude

transcendental eidética, se estudam “os *noemas*, as *noesis* e a *hylé* dos atos direcionados aos traços essenciais de atos direcionados a essências” (FOLLESDAL, 2012, p.112).

Um último aspecto a considerar é o resultado da *epoché*: a saber, a ideia da consciência pura, ou da consciência transcendental, que é chamada pelo filósofo austríaco de *resíduo fenomenológico*. A consciência aparece como um *cogito*, no entanto, diferentemente de Descartes, sempre em relação com suas *cogitationes*, isto é, como consciência de alguma coisa, como consciência intencional (BARBOSA, 2014, p.33). A consciência como resíduo fenomenológico é assim considerada, porque resiste aos constantes assaltos do *epoché*. Para Husserl, a consciência teria, em si, seu próprio ser, e este não é atingido pela exclusão fenomenológica (HUSSERL, 2006, p.84); no entanto, é preciso apontar que a essência desta consciência é a sua intencionalidade, isto é, estar voltada para o mundo exterior e ser sempre consciência de algo (HUSSERL, 2006, p.85).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O percurso realizado neste artigo visou apresentar alguns conceitos e temas fundamentais da fenomenologia husserliana. Como ponto de partida, foram apresentados alguns aspectos biográficos e intelectuais da vida do filósofo Edmund Husserl, junto com uma periodização de suas principais obras, com a finalidade de contextualizar o desenvolvimento da fenomenologia para sua melhor compreensão. Consecutivamente, foram apresentados e estudados dois pontos fundamentais no surgimento da fenomenologia: a crítica ao psicologismo e a intencionalidade da consciência. A crítica ao psicologismo afirma que os fundamentos essenciais da lógica residiriam na psicologia, conduzindo ao relativismo e, inevitavelmente ao ceticismo. Foi apresentada, em contrapartida, a defesa de Husserl dos princípios da lógica pura, como princípios com validade universal, independentes de processos psicológicos e sendo capaz de fundamentar toda e qualquer ciência com seus princípios ideias; por outro lado, foi apresentado o conceito de intencionalidade; vendo que a consciência é definida sempre por sua intencionalidade, por seu visar as coisas, por ser sempre consciência de algo. Foi apresentado, finalmente, um aspecto essencial no método fenomenológico; a *epoché* ou as reduções, que consiste nessa passagem da atitude natural para uma atitude fenomenológica, onde é preciso *suspende*r o juízo, *colocar entre parênteses* certas crenças e convicções para assim extrair, por meio da *intuição eidética*, o aspecto essencial e puro de um fenômeno, para, finalmente, poder descrevê-lo. A consciência apareceu, novamente, como o *resíduo fenomenológico*, como aquela que resiste aos assaltos e às dúvidas da *epoché*, mas pelo que ela é essencialmente, uma *intentio*, um visar, uma direcionalidade para as coisas ou os fenômenos.

Esclarecidos alguns aspectos principais deste método, é possível tirar algumas conclusões a respeito desta corrente filosófica. O professor Steven Crowell, responde a esta questão com quatro definições, que sintetizam todo o estudo anteriormente realizado: A fenomenologia é, **essencialmente**, uma atividade descritiva, antes que qualquer atividade realizada por meio de construção de teorias. Para Husserl, antes de oferecer alguma teoria ou uma concepção, é necessário oferecer uma descrição cuidadosa do que seria a própria percepção;

a fenomenologia tem como finalidade principal, esclarecer e não explicar, as descrições fenomenológicas não buscam oferecer leis para explicar a existência das coisas, mas, principalmente, marcam distinções, é necessário, então, tornar claro o fenômeno antes de explicá-lo; a fenomenologia é, com efeito, uma investigação *eidética*, e não factual; ela não quer descrever todas as propriedades de alguma coisa particular, mas aquilo que pertence a ela *essencialmente* enquanto uma coisa daquele tipo; estudar um ato concreto da percepção é algo feito pela fenomenologia com a finalidade de descobrir aquilo que pertence necessariamente a essa percepção enquanto tal; finalmente, a fenomenologia é caracterizada como investigação reflexiva, pois, diferentemente, como acontece com as ciências naturais, a fenomenologia não faz referência a entidades diretamente, mas à experiência do sujeito dessas entidades; para este método, é incoerente buscar uma clarificação descritiva das condições essenciais de um *X*, *abstraindo* a experiência que possa ter o sujeito cognoscente deste *X*, dito de outra forma, é examinando como *X* se comporta na experiência, que é possível conhecer a essência deste (CROWELL, 2012, p.24). Com efeito, a essência de um fenômeno se encontra justamente no seu aparecer, pois para Husserl, ser é igual a aparecer e isto é fenomenologia.

REFERÊNCIAS

- ARAUJO, Saulo de Freitas. O manifesto dos filósofos alemães contra a psicologia experimental: introdução, tradução e comentário. *Estudos e pesquisas em psicologia*, Rio de Janeiro, v. 13, n. 1, p. 238-311, 2013. DOI: 10.12957/epp.2013.7937. ISSN: 1808-4281. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/286121026>.
- BARBOSA, Rafael. A ideia husserliana de fenomenologia. *Inconfidentia*, Mariana-MG, v. 2, n. 2, p.21-40, jan./jul. 2014.
- CHARLES, Siewert. Consciência. In: DREYFUS, Hubert; WRATHALL, Mark (orgs). *Fenomenologia e existencialismo*. Tradução: Cecília Camargo Bartalotti e Luciana Pudenzi, São Paulo: Edições Loyola, 2012. p.83-93.
- CHAUÍ, Marilena. Husserl Vida e Obra. In: *Edmund Husserl; Investigações Lógicas, Sexta Investigação (Elementos de uma elucidação Fenomenológica do conhecimento)*. São Paulo: Editora Nova Cultural, 2000. p.5-15. (Coleção os Pensadores).
- CROWELL, Steven. A fenomenologia husserliana. In: DREYFUS, Hubert; WRATHALL, Mark (orgs). *Fenomenologia e existencialismo*. Tradução: Cecília Camargo Bartalotti e Luciana Pudenzi, São Paulo: Edições Loyola, 2012. p.23-39.
- DRAWIN, Carlos. Husserl e a dignidade da razão. *Síntese*, Belo Horizonte, v. 37, n. 118, p.267-275, 2010.
- DREYFUS, Hubert; WRATHALL, Mark. Uma breve introdução à fenomenologia e ao existencialismo. In: DREYFUS, Hubert; WRATHALL, Mark (orgs). *Fenomenologia e existencialismo*. Tradução: Cecília Camargo Bartalotti e Luciana Pudenzi, São Paulo: Edições Loyola, 2012. p.12-19.
- FOLLESDAL, Dagfinn. As reduções de Husserl e o papel que desempenham em sua fenomenologia. In: DREYFUS, Hubert; WRATHALL, Mark (orgs). *Fenomenologia e existencialismo*. Tradução: Cecília Camargo Bartalotti e Luciana Pudenzi, São Paulo: Edições Loyola, 2012. 107-113.
- GERL-FALKOVITZ, Hanna-Barbara. Edith Stein entre Husserl e Tomás de Aquino, e para além deles. In: STEIN, Edith. *Textos sobre Husserl e Tomás de Aquino*. Tradução: Juvenal Savian Filho et alli. São Paulo: Paulus, 2019. p. 11-30.

GONZÁLEZ PORTA, Mario Ariel. *Edmund Husserl: Psicologismo, psicologia e fenomenologia*. São Paulo: Edições Loyola, 2013. (Coleção leituras filosóficas).

HEIDEGGER, Martin. *Os conceitos fundamentais da Metafísica*. Rio de Janeiro-São Paulo, Editora Forense Universitária, 2003.

HUSSERL, Edmund. *Investigaciones Lógicas: Prolegómenos a la lógica pura*, v 1. Tradução: Manuel G, Morente e José Gaos. Madrid: Revista de Occidente, 1929a.

HUSSERL, Edmund. *Investigaciones Lógicas: Investigaciones para la fenomenologia y teoria del conocimiento*. Investigaciones III, IV y V. v 3. Tradução: Manuel G, Morente e José Gaos. Madrid: Revista de Occidente, 1929b.

HUSSERL, Edmund. *A filosofia como ciência de rigor*. Tradução: Albin Beau. Coimbra- MCMLII: Atlântida, 1952.

HUSSERL, Edmund. *A ideia da fenomenologia*. Tradução: Artur Morão. Lisboa: Edições 70, 2000.

HUSSERL, Edmund. *Ideias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica: Introdução geral à fenomenologia*. Tradução: Márcio Suzuki. Aparacida/SP: Ideias & Letras, 2006. (Coleção Subjetividade contemporânea).

LEOPOLDO, Franklin. *Fenomenologia e Existencialismo*. Universidade Federal de Ceará: Canal Instituto cpfl cultura, 26 dez 2008. Vídeo (54 min). Disponível em: <https://institutocpfl.org.br/fenomenologia-e-existencialismo/>. Acesso em: março de 2023.

MOHANTY, J.N. Intencionalidade. In: DREYFUS, Hubert; WRATHALL, Mark (orgs). *Fenomenologia e existencialismo*. Tradução: Cecília Camargo Bartalotti e Luciana Pudenzi, São Paulo: Edições Loyola, 2012. p.75-81.

REALE, Giovane; ANTISERI, Dario. *História da filosofia, 6: de Nietzsche à Escola de Frankfurt*. Tradução: Ivo Storniolo. São Paulo: Paulus, 2006. (Coleção história da filosofia; 6).

RICOEUR, Paul. *Na escola da fenomenologia*. Petrópolis: Vozes, 2009.

SOKOLOWSKI, Robert. *Introdução à fenomenologia*. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

STEIN, Edith. *Vida de uma família judia e outros escritos autobiográficos*. Tradução: Maria do Carmo V. Wollny e Renato Kirchner. Revisão: Juvenal Savian Filho. São Paulo: Paulus, 2018. (Coleção Obras de Edith Stein).

STEIN, Edith. *Textos sobre Husserl e Tomás de Aquino*. Tradução: Ursula Anne Matthias. Revisão da tradução e revisão técnica: Juvenal Savian Filho. São Paulo: Paulus, 2019, (Coleção Obras de Edith Stein).